

Paisagem experimental: ensaio projetual para orla assoreada em Ilhéus, Bahia

Israel F Nunes Jr.

Mestre em Arquitetura Paisagística pelo PROURB-FAU-UFRJ (2017). Arquiteto e Urbanista pela FAU-USU-RJ (1988). Professor de projeto de arquitetura no DAU-PUC-RJ desde 2011, já tendo lecionado no DARF-FAU-UFRJ (1995) na FAU-UNESA (1996/2011). Arquiteto atuante em projetos residenciais, comerciais e de design desde 1990. Foi sócio da arquiteta Flávia de Faria no Diplodocus Arquitetos até 2012 e a partir de 2013, está à frente do escritório Israel Nunes Arquitetura.

Contato: israelnunes09@gmail.com

Lucia Maria S A Costa

PhD pela University College London, Inglaterra (1992). Arquiteta pela FAU-USU, Rio de Janeiro (1980). Professora Titular de Arquitetura Paisagística da EBA/UFRJ, atuando no PROURB-Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, FAU/UFRJ.

Contato: lucialice@gmail.com

RESUMO

As relações entre espaço público, paisagem e arte contemporânea compõem o tema central deste trabalho. Na forma de um ensaio projetual para um parque público em uma orla assoreada na cidade de Ilhéus – BA, Brasil, são apresentadas alternativas dinâmicas para a renovação do espaço público, que partem da diversificação dos usos coletivos. A proposta parte da conexão entre paisagem e arte contribuindo para a ressignificação dos processos naturais e culturais do sítio e para a construção de um novo sentido coletivo de lugar. O trabalho baseia-se em estudos teóricos que consideram a paisagem pelo seu aspecto ativo e discutem-na no campo ampliado da arte contemporânea, e conclui apontando a importância do papel ativo do paisagismo na reconfiguração dos lugares urbanos.

Palavras-chave: Arquitetura paisagística, Parque urbano, Arte Contemporânea

ABSTRACT

The links among public space, landscape and contemporary art are the central theme of this paper. In shaping a landscape design essay for a public park on a silted waterfront in the city of Ilhéus - BA, Brazil, dynamic alternatives are introduced for the renovation of the public space, based upon the diversification of common uses. The purpose is to build a connection between landscape and art through the re-signification of the natural and cultural processes of the specific site, which may promote a new collective sense of place. The work presents as its theoretical support studies that look at landscape from its active aspect and discuss the extended field of contemporary art. The paper concludes stressing the importance of the active role of landscape architecture in urban places reconfiguration.

Key-Words: Landscape architecture, Urban park, Contemporary Art

Introdução

Terrenos baldios e áreas abandonadas nas cidades são lugares esquecidos que podem nos trazer sentimentos contraditórios. Por um lado geram uma natural reação de distanciamento e insegurança, sendo paisagens aparentemente desprovidas de sentido e de valor na experiência cotidiana da cidade. Por outro lado, apresentam um enorme potencial de oportunidades, novas apropriações e novas chances de se repensar as relações culturais e ambientais das cidades em seus espaços abertos. São, portanto paisagens com significados abertos à interpretação.

Este trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa que propõe a reconfiguração de uma paisagem residual a partir de um ensaio paisagístico — uma interpretação — para uma grande faixa asso- reada à beira mar na cidade de Ilhéus, Bahia, Brasil (NUNES, 2017). A proposta é a de um parque público com um programa aberto, que possa evoluir e se transformar com a cidade juntamente com a participação e experiência da população. Um espaço para experimentos artísticos: um parque vivo, que seja reflexo da vida cultural da cidade, permitindo múltiplas leituras e apropriações.

Este ensaio projetual compreende parque público como uma plataforma para receber intervenções de arte em diálogo com condicionantes do lugar. A arte é entendida como um elemento de confrontação e transposição, um campo de fricção de realidades, experiência enriquecedora para a população, para o artista e para o local, buscando novas sensibilizações e olhares, acrescentando novas atividades àquelas já incorporadas pela população, como um meio de recuperação, transformação social e institucional do lugar e, conseqüentemente, da cidade. A proposta visa indicar novos e promissores rumos ao incentivar

uma maior experimentação e ousadia, estimulando e promovendo aproximações e identificações da população com o lugar.

Para a apresentação deste trabalho, o texto apresenta inicialmente uma reflexão sobre paisagem e arte, seguida de uma discussão sobre as relações entre parque urbano e arte contemporânea. Logo após apresenta a orla asso- reada em Ilhéus e o detalhamento da proposta para o ensaio paisagístico. O texto conclui destacando a importância das conexões entre parque público e arte como uma das estratégias de revitalização de paisagens degradadas, a partir de um programa aberto que considere a experiência do lugar.

Paisagem e arte

A estrutura teórica desta pesquisa parte de uma visão ampla de arquitetura paisagística e de arte. Parte-se de James Corner (1999) que ressalta conceitos contemporâneos do projeto paisagístico. Toma-se como referência Hal Foster (2014) que apresenta as transformações ocorridas nas artes visuais nos anos 1960 e seus desdobramentos na relação do artista com o lugar, numa visão social e política e completa-se esta construção teórica com Alex Wall (1999), que defende o programa do projeto paisagístico como instrumento capaz de criar condições mais flexíveis e multifuncionais.

Estudos contemporâneos tem ressaltado a importância do papel estruturador da paisagem, que seria “o fundamento, a matriz e a moldura”, nos processos de projeto e de planejamento das cidades e suas envolventes, nas suas diferentes escalas (CORNER, 2014, p.11) O projeto paisagístico, portanto, deveria atuar como um dos meios de intervir criticamente nas relações culturais e convenções estabelecidas, e levar a

paisagem para além do pictórico e do contemplativo. Corner (1999, p.4) argumenta que, fundamentalmente, a paisagem é verbo — e não substantivo. Por esta perspectiva a paisagem não é estática e sim ativa, também direcionando e reagindo a ações sobre ela e não simplesmente incorporando valores culturais ou simbólicos. A paisagem é uma superfície ativa, como argumenta Wall (1999, p.233), “estruturando as condições para novas relações e interações entre as coisas que ela sustenta”.

Na compreensão da paisagem como superfície ativa, e considerando as dinâmicas dos processos naturais e culturais, está implícito o entendimento do projeto paisagístico como um processo. Embora este discurso venha sendo construído desde os anos 1950 (ver SWAFFIELD, 2002), a abordagem contemporânea traz um viés diferente, onde o efeito formativo é mais importante do que a forma (CORNER, 1999, 2014; WALL, 1999; POLLACK, 2007). No projeto paisagístico as questões estéticas ou estilísticas ficam subordinadas ao efeito formativo, que passa a interessar como uma estratégia para solução das questões trazidas pelas dinâmicas da natureza e pelas dinâmicas das culturas que interferem no sítio paisagístico.

Corner (1999, p.1) também argumenta que “a arquitetura paisagística não é simplesmente reflexo da cultura, mas um instrumento ativo modelador da cultura, um agente cultural inovador”. A construção de novas paisagens em diálogo com a arte pode valorizar a sua evolução, o significado do seu entorno e ainda abrir oportunidades para outras práticas culturais. A preocupação é menos encontrar um novo estilo, mas sim aumentar o alcance do projeto paisagístico em um ambiente cultural mais amplo.

As transformações ocorridas nas artes visuais a partir dos anos 1960 são apresentadas por Foster (2014), que traz uma reflexão sobre o lugar da arte e o outro. Ele as relaciona a períodos anteriores das vanguardas históricas, momentos de ruptura das artes nos anos 1920 e 1930 e coloca questões ainda herdadas do movimento moderno, onde o papel do artista tinha como propósito mudar os meios de produção para a nova sociedade que surgia. Portanto, a arte passou para o campo ampliado da cultura que, supostamente, até os anos 1970 era domínio da antropologia. A arte passa a incorporar outros campos. O lugar da transformação artística é também da transformação política, e as vanguardas políticas localizam as vanguardas artísticas e, sob certas circunstâncias, as substituem.

Artistas como Robert Smithson e Michael Heizer, entre outros artistas da *LandArt* — movimento artístico que realiza suas obras a partir de recursos naturais e/ou na paisagem —, instituíram operações cartográficas em seus processos, conduzindo-os a um extremo geológico que transformou drasticamente a localização das intervenções artísticas. O mapeamento na arte recente, por sua vez, tende para o sociológico e o antropológico, até o ponto em que um mapeamento etnográfico de uma instituição ou uma comunidade torna-se uma forma essencial da atual arte *site-specific* (FOSTER, 2014), obras criadas a partir da leitura, compreensão e interpretação de um lugar específico, e que portanto não fariam sentido em outro lugar.

Foster (2014) sugere deslocar a arte contemporânea de um paradigma “natural” da imagem como paisagem enquadrada para um paradigma “cultural” da imagem

como rede informacional, considerada por críticos de arte como inaugural da prática da arte pós-modernista. Nessa troca ou deslocamento cultural reside o enriquecimento, portanto questões lúdicas à realidade, produzindo outras relações que fogem dos problemas cotidianos da cidade e do cidadão. Mas para que esse deslocamento se realize, é necessário que os artistas e arquitetos estejam suficientemente familiarizados, não só com a estrutura de cada cultura, como também com sua história (FOSTER, 2014).

É aqui que se torna importante a posição de Wall (1999, p. 237) que, ao discutir o projeto da paisagem, apresenta o “programa como motor do projeto, direcionando a lógica da forma e organização ao mesmo tempo em que responde as mutáveis mudanças da sociedade”. Aqui também há um deslocamento, onde o foco sai de uma programação de espaços com funções pré-definidas para a produção de espaços responsivos e ativos, flexíveis o suficiente para permitir mudanças, novas ideias e apropriações no futuro.

É ainda um encaminhamento que reforça a ideia de paisagem enquanto superfície ativa, na medida em que liberta a paisagem de um programa rígido de modo que ela possa se oferecer como plataforma de ações a serem construídas ao longo do tempo. Ao projetar para futuros indeterminados, é preciso uma compreensão das dinâmicas ambientais e culturais da paisagem de modo que ela seja partícipe do processo (WALL, 1999; POLLAK, 2007). Estas estratégias permitirão também que a paisagem projetada permita mudanças sociais, culturais e ecológicas, principalmente em espaços públicos, como aponta Wall (1999, p.246):

“A função do projeto não é apenas tornar as cidades mais atraentes, mas também

torná-las mais adaptáveis, mais fluídas, mais capazes de acomodar as mutantes demandas e circunstâncias imprevistas”.

Dentre estas demandas sempre em mutação, situa-se a presença da arte em parques e outras tipologias de espaços públicos. A participação ativa da arte contemporânea em espaços públicos vai exigir um programa flexível, onde seja possível estabelecer diálogos entre o sítio paisagístico, artistas, e a população que vivencia o local. Desta forma a paisagem não ficaria restrita às experiências formais, porém seria um agente para permitir novos formatos e experiências de vida nas cidades (WALL, 1999).

Parques urbanos e arte contemporânea

O parque urbano, pelas múltiplas possibilidades de abordagens projetuais que permite, é um tipo de espaço público muito importante para uma discussão das relações entre os espaços livres e a cidade, tornando-se referência no entendimento das cidades contemporâneas.

“Parques são lugares emblemáticos para nos revelar as relações entre natureza e cultura. Essas relações estão presentes na própria natureza interdisciplinar do parque público. Ela já nos mostra que, além de ser o local privilegiado na cidade, onde a natureza se faz visível de um modo intenso em todas as formas, cores, sons e texturas, o parque público também espelha nossos valores sociais, culturais e ecológicos. Assim, para ampliar as funções e o papel dos parques públicos na nossa vida cotidiana, é importante considerar

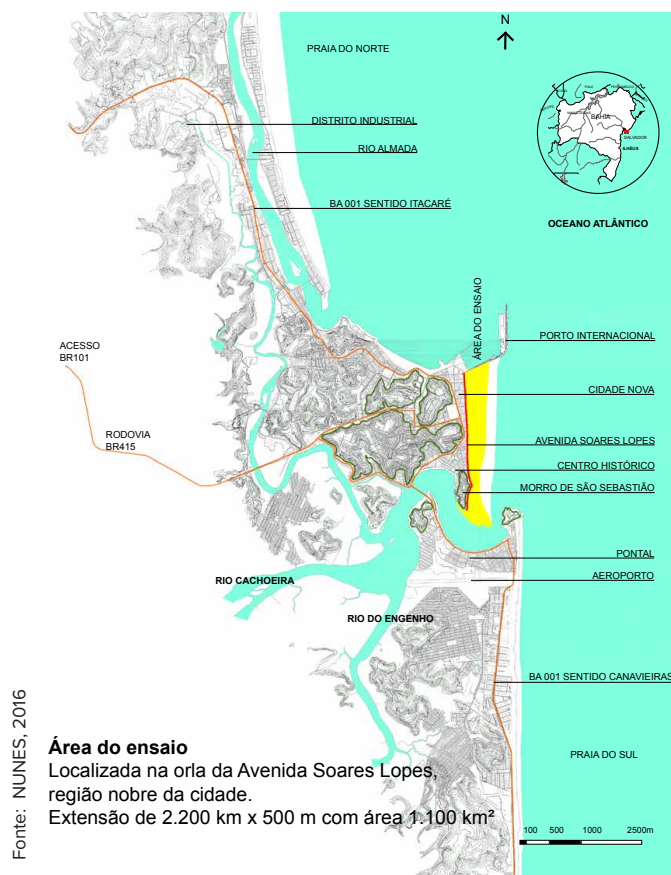
as especificidades da natureza e da cultura na definição de seu programa e de sua forma” (COSTA, 2003, p.275).

A arte sempre esteve presente nos parques públicos ao longo da história, mas, na maioria das vezes, como um elemento de composição ou decoração. Com o surgimento da *Land Art* no final dos anos 1960, tanto a arte como as paisagens ganharam uma nova relação, expressão e um novo significado, dessa vez como fato e forma de arte elementar, proporcionando à paisagem um laboratório experimental. A arte passou a examinar a especificidade do local como parte integrante da sua concepção, com uma relação direta com a sua localização. A obra de arte contemporânea carrega em seus desdobramentos e significados, na relação do artista com o lugar, relações sociais e políticas que transbordam seu papel inicial. A partir dos anos 1980, os parques e a arte pública tornaram-se aliados políticos na infraestrutura urbana na Europa e nos Estados Unidos (FOSTER, 2014).

Nesse sentido, a arte pública pode agregar soluções e abrir possibilidades extraordinárias. A cultura poderia ser um agente poderoso no processo de regeneração urbana e na inclusão social de diferentes grupos e diferentes interesses. O parque público como suporte para a arte implica muitas vezes no convite de artistas, na concepção de intervenções na paisagem em um diálogo do lugar com a natureza, potencializando e buscando novas relações do usuário com o parque.

Uma paisagem à beira mar

A localização do ensaio paisagístico aqui proposto situa-se em Ilhéus, cidade das mais antigas do Brasil, com origem no século XVI como capitania hereditária. De Vila de São Jorge dos Ilhéos, em 1881 foi elevada a categoria de cidade de São Jorge dos Ilhéos, hoje Ilhéus. [Imagem 1]



Fonte: NUNES, 2016

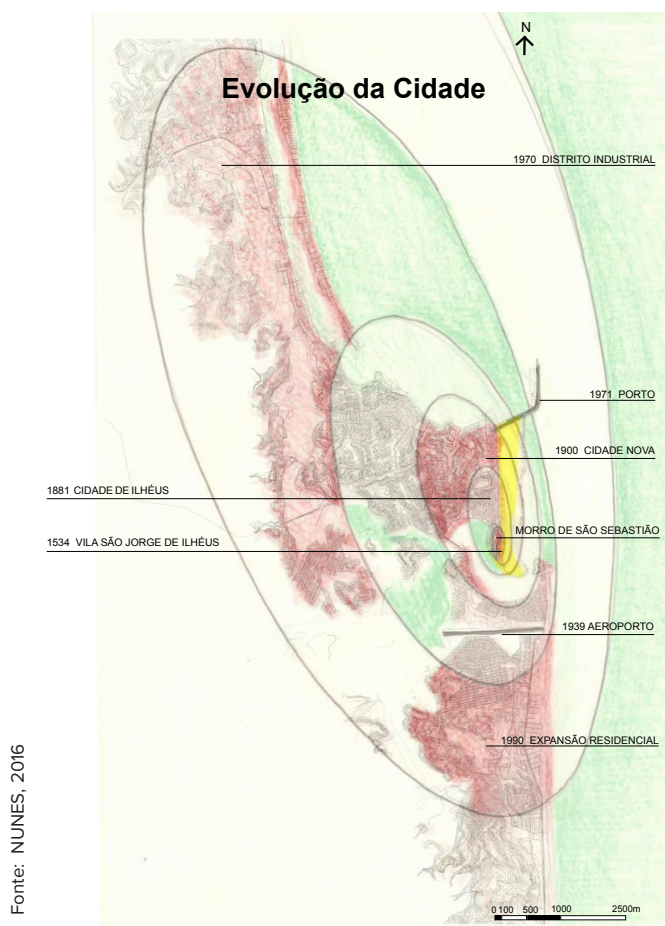
Área do ensaio

Localizada na orla da Avenida Soares Lopes, região nobre da cidade. Extensão de 2.200 m x 500 m com área 1.100 km²

[Imagem 1] Planta da situação

Inicialmente, a região tinha como principal atividade econômica a cana de açúcar. No final do século XVIII Ilhéus tornou-se uma das cidades mais prósperas do Brasil a partir da produção de cacau. Esta situação perdurou até o final dos anos 1980, com o declínio da produção cacauzeira e consequente estagnação econômica da região. A partir de 1990 Ilhéus passou a atrair investidores interessados na beleza de suas praias e paisagens naturais ao longo do seu litoral, aproveitando a desvalorização econômica fundiária. Esses investidores adquiriram fazendas e lotes à beira mar, despertando o potencial turístico da região (MMA/MPOG/PMI, 2007). [Imagem 2]

O recorte do ensaio situa-se na extensa faixa de praia assoreada localizada na região mais nobre de Ilhéus, com



Fonte: NUNES, 2016

[Imagem 2] Desenho da evolução da cidade

área de aproximadamente 110 ha, que conecta o Centro Histórico à Cidade Nova. Trata-se de uma nova paisagem na cidade: orla que nasce de uma mutação natural a partir de sua exposição a um processo de assoreamento iniciado em 1970, decorrente da construção do Porto Internacional do Malhado, situado adjacente à praia (MMA/MPOG/PMI, 2007). [Imagem 3 e 4] Tem como atributos naturais uma praia em mar aberto com vegetação herbácea, espontânea, e em processo de regeneração. Apresenta ainda grupamentos arbóreos de maior porte, com espécies nativas e exóticas introduzidas no período de implantação do Parque São Sebastião, projeto de autoria do importante paisagista brasileiro, Roberto Burle Marx, para esta área, em 1986.



Fonte: MENDONÇA, 1960

[Imagem 3] Vista aérea



Fonte: NAZAL, 2014

[Imagem 4] Vista da cidade

Burle Marx foi contratado pela Prefeitura Municipal de Ilhéus para conceber o projeto de um parque público nesta área nobre da cidade. Isto já aponta para o desejo de melhoria da orla, e demonstra a importância do projeto paisagístico como um dos instrumentos de renovação urbana de Ilhéus. O parque foi inaugurado em 1992, porém infelizmente o projeto não foi implantado na íntegra (MMA/MPOG/PMI, 2007). Muitos equipamentos previstos no projeto (quiosques, bares, restaurantes, banheiros, vestiários, postos de salva-vidas) não foram executados. Do que foi executado do projeto original restou apenas o traçado urbanístico, com a duplicação da pista para automóveis da Avenida Soares Lopes; além de

algumas quadras poliesportivas e parte da vegetação implantada. As dunas artificiais do projeto original pareciam interessantes por enriquecer a paisagem dominada pela superfície plana, modificando a topografia e possibilitando novas visadas. Porém também não existem mais, foram terraplanadas por apelo da população, alegando que elas tiravam a vista do mar e criavam áreas de insegurança. Além disso, ao longo destes mais de 20 anos o processo de assoreamento ampliou a área em torno de 200m em direção à praia (MMA/MPOG/PMI, 2007), gerando um imenso espaço com aspecto de terreno baldio, o que contribuiu para descaracterizar ainda mais a concepção original do projeto de Burle Marx. [Imagem 5]

Fonte: NAZAL, 2014



[Imagem 5] Porto Internacional do Malhado

A Avenida Soares Lopes, a mais importante de Ilhéus, localiza-se no limite entre a cidade e o parque, em toda sua extensão, com ocupação consolidada e totalmente urbanizada com usos residencial, comercial e lazer, tendo turismo e serviços como as atividades econômicas mais significativas. Nessa avenida acontecem os principais eventos populares, religiosos e oficiais. Nela estão três principais praças da cidade: Praça Dom Eduardo, onde se situam a Catedral de São Sebastião, o Bar Vesúvio e o Teatro Municipal de Ilhéus; a Praça Rui Barbosa, com a Igreja de São Jorge e o Palácio Misael Tavares; e a Praça Castro Alves, local da Biblioteca Municipal e de encontro da juventude no final da tarde. [Imagem 6]

A leitura da paisagem a partir da pesquisa de campo revelou uma primeira impressão de desolação. [Imagem 7] A população pouco frequenta a praia pela dificuldade de acesso e pela distância, entre outros motivos. A falta de saneamento ou a infraestrutura precária, em alguns pontos ao longo da área, acarretam alagamentos e odores desagradáveis, assim como o acúmulo de lixo, entulho e restos de obra em alguns pontos, resultando em uma poluição ambiental e visual. A insegurança pública é outro agravante.

Fonte: NAZAL, 2014



[Imagem 6] Vista aérea

Fonte: NUNES, 2016



[Imagem 7] Desolação vista da praia

Com área acrescida devido ao assoreamento, o trecho torna-se vulnerável à ocupação sem nenhum planejamento, além de despertar com frequência interesse de agentes imobiliários com propostas de loteamentos ou até mesmo a construção de um shopping center no local (MMA/MPOG/PMI, 2007).

Experiência na paisagem

A proposta é para um parque público em diálogo com as experiências da população local e de artistas, incluindo setores públicos e privados que atuam na cidade. Um parque que possa ser implantado ao longo do tempo, acompanhando o ritmo e o crescimento da cidade; um espaço em transformação com a participação da população. Um parque colaborativo, numa aproximação do paisagismo, arquitetura e arte. Esta colaboração em projeto é vislumbrada principalmente a partir de um projeto que possibilite usos não programados (Wall 1999), que ofereça espaços flexíveis, permitindo que o programa do parque seja constantemente renovado a partir dos diferentes modos de usar e de se apropriar de seus espaços.

Neste sentido, é proposto um programa aberto, flexível, dinâmico, que possa ser continuamente apropriado e adaptado às necessidades e expectativas dos usuários e dos artistas. Uma das principais estratégias projetuais para esta dinâmica é a criação de plataformas para arte: áreas que funcionarão como um impulsador ativo, para a prática de convidar artistas com expressões diversas a construir intervenções a partir de seus entendimentos do lugar, nas quais a experimentação seja direcionada para uma proposição vivencial criativa. Isto possibilitará que o indivíduo deixe de ser um espectador para ser participante e,

assim, iniciar uma renovação e do interesse da população pelo lugar, ampliando as atividades que já aconteciam no local antes de sua deterioração.

O primeiro gesto projetual procurou identificar as áreas propícias para a distribuição dos possíveis usos ao longo do parque, partindo da leitura do lugar durante a visita de campo. Busca-se um parque predominantemente vegetado, que vai se estabelecendo ao longo do tempo, com o mínimo de equipamentos construídos. [Imagem 6]

O programa do parque foi construído a partir de algumas estratégias principais. Foi importante, por exemplo, observar o pouco uso que a população faz desta imensa área assoreada. Foram identificados principalmente alguns shows na concha acústica existente e jogos de futebol na areia batida junto ao mar, e não nas quadras junto à avenida. As entrevistas esclareceram o motivo: junto ao mar o jogo é mais fresco e agradável. As entrevistas com a população local também apontaram a dificuldade de acesso ao mar devido à distância, a insegurança e o medo de frequentar a área devido ao isolamento; o som altíssimo da Concha Acústica durante os shows, que incomoda o bairro; e a carência de opções culturais e recreativas na cidade, entre outras questões. As entrevistas com artistas e curadores de arte apontaram principalmente a importância de flexibilizar as áreas em que os artistas quiserem trabalhar, ao invés de definir previamente. Os artistas devem estar livres para escolherem os locais e materiais de seus trabalhos. Além das observações e entrevistas, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o histórico ambiental e cultural desta área na cidade, e sobre parques contemporâneos que incluem arte em seu programa. O programa do parque portanto foi construído a partir

destas perspectivas, incluindo a minha própria experiência da paisagem, tanto como ex-morador da região, como projetista de paisagens.

Baseado na ideia do programa como motor do projeto de Wall (1999) e do conjunto das perspectivas acima apontadas, procurou-se criar um programa para o parque que contemplasse principalmente: a valorização do acesso à praia; percursos e acessos de pedestres, bicicletas e veículos; equipamentos e áreas que possibilitassem atividades culturais, artísticas, esportivas e de lazer — tanto programadas quanto não programadas; o resgate da vegetação; a implantação de equipamentos de apoio como banheiros, administração, salva vidas, entre outros.

Para a definição do partido considerou-se a inter-relação entre três escalas principais: a escala urbana, a escala do parque e setores locais. Buscou-se uma aproximação da cidade com a praia tendo o parque como conexão. O partido valorizou ainda as características físicas da área, principalmente sua superfície plana à beira mar. [Imagem 8]

Como metodologia de projeto foram apontadas categorias que, uma vez articuladas, possibilitam a proposição de uma nova paisagem urbana aberta a diversas interpretações e apropriações (CORNER 1999, WALL 1999). A primeira, denominada Linhas de força, oferece novos fluxos de ocupação e circulação para o parque e de relações com o tecido



Fonte: NUNES, 2016

[Imagem 8] Mapas com ruas

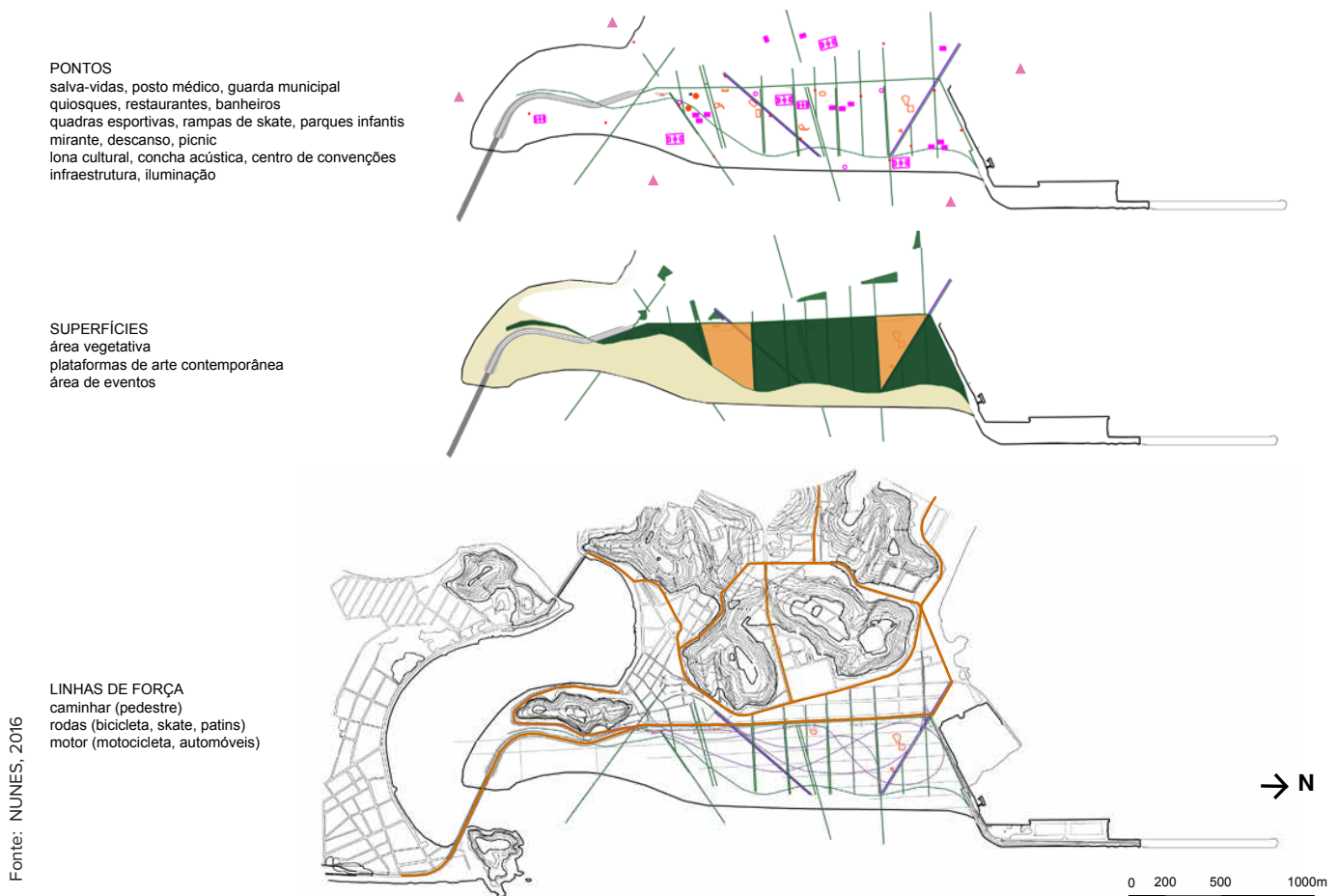
urbano adjacente. A segunda categoria, Superfícies, reconhece as superfícies do parque como ativas, mutáveis e espessas ressaltando a proposta de um projeto paisagístico aberto. E finalmente a terceira categoria, Pontos, organiza a distribuição de equipamentos de suporte para os usuários e suas atividades.

1° Linhas de força:

A primeira entrada na área foi a partir dos percursos e acessos. São eixos de circulação que ligam as três escalas e distribuem pessoas e possíveis ações como circuitos fluidos e dinâmicos, necessários para apropriações do lugar e para promover o encontro em ritmos distintos como passear, contemplar, vivenciar, interagir.

Para os pedestres, eixos lineares transversais ao parque, partindo das ruas principais numa ligação direta da cidade com a praia. São alamedas largas, sombreadas por árvores, criando uma ambiência mais agradável buscando compensar a distância em que a praia se encontra. Desta forma, estes eixos de acesso podem ampliar a sensação de segurança dos pedestres principalmente a partir da ampla visibilidade que oferecem ao longo do percurso.

Para os ciclistas, diferentes caminhos sinuosos cruzam todo o parque, promovendo percursos mais longos e contemplativos, proporcionando ao usuário novas perspectivas da cidade, da praia e do parque, visadas bem diferentes dos eixos lineares destinados aos pedestres.



[Imagem 9] Diagramas

Para os veículos, foram criadas duas entradas próximas às áreas de eventos, devido à necessidade de acesso para apoio, infraestrutura e estacionamento. [Imagem 9]

2º Superfícies:

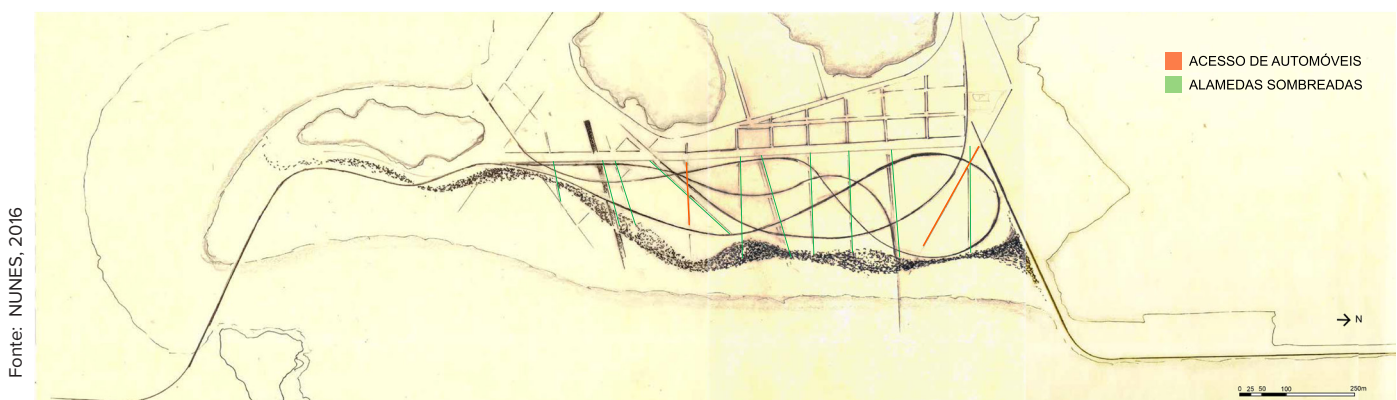
Considerando a observação na escala urbana, podemos ler as superfícies primárias em faixas como o mar, areia da praia, o parque e a cidade. A área verde, com uma superfície predominantemente plana, será prioritariamente ocupada por vegetação com estruturas de diferentes portes, intercalando espécies arbóreas e vegetação rasteira. Isso possibilitará distintos usos e apropriações — desde jogos em equipes, que fazem parte do cotidiano da área assoreada até possíveis atividades ao ar livre, dentre outros que podem ir acontecendo ao longo do tempo. Os conjuntos arbóreos remanescentes do projeto paisagístico de Burle Marx situados junto à Avenida Soares Lopes foram mantidos, e a proposta amplia a arborização para todo o parque. É proposto ainda a criação de canteiros experimentais como viveiros de espécies de restinga para que possam ser replantadas, estudadas, vivenciadas e valorizadas pela população.

Os eixos de circulação serão compostos com árvores de copas generosas, predominantemente no lado norte, proporcionando sombra nos percursos e criando ambi-

ências mais agradáveis. Uma franja sinuosa de coqueiral faz a transição da praia e da área verde remetendo às paisagens existentes das praias ao longo do litoral da Bahia.

As plataformas para as intervenções de arte estarão disponíveis ao longo da área do parque num trabalho conjunto com os artistas convidados, deixando-os livres para escolher o lugar assim como o material utilizado nas instalações, podendo trabalhar com o que estiver acessível ali: mar, areia, topografia, vento, vegetação, pedras, entre muitos outros.

As duas áreas de eventos foram demarcadas a partir de atividades já existentes no local. Uma situa-se em frente à Praça Castro Alves, e pode ser usada para o festival de verão, feiras gastronômicas, entre outros usos. E a outra área de eventos situa-se no entorno do centro de convenções, qualificando e reforçando o potencial destes locais. A concha acústica existente foi relocada para trás do centro de convenções, afastando-a da avenida com a frente do palco e direcionando as caixas de som para o mar, buscando assim, diminuir o transtorno causado pela situação atual. A área livre em frente ao palco que será ocupada pelo público durante as apresentações, poderá ser usada como pátio de estacionamento para veículos, durante o dia e fora do horário dos shows, facilitando o acesso à praia. [Imagem 10]



[Imagem 10] Percursos

3° Pontos:

São estruturas pontuais que funcionam como âncoras, equipamentos necessários de apoio e infraestrutura para o funcionamento do parque. São pequenas construções distribuídas ao longo do parque, destinadas a atividades diversas, como por exemplo: posto salva-vidas, posto médico, guarda municipal, quadras esportivas, rampas de skate, jogos de mesa, parques infantis, áreas para piquenique, lazer, descanso, quiosques, restaurantes, banheiros, entre outros, estimulando a prática de atividades coletivas ou individuais. Algumas quadras poliesportivas foram propostas na areia batida junto ao mar, uma vez que esta tem sido a prática da população local.

A implantação do parque é pensada para ser realizada em fases, e não de uma única vez. Esta estratégia é proposta com o objetivo de permitir que a experiência coletiva do parque contribua para a sua construção e flexibilização de seu programa, e é uma maneira de reconhecimento da importância da participação pública para sua viabilização. Reconhece ainda que propostas paisagísticas devem incorporar a experimentação, a invenção e usos flexíveis (CORNER 1999, 2014; WALL 1999). [Imagem 11]

As fases de implantação seriam implementadas na seguinte sequência:

1° fase: Os acessos à praia, eixos de circulação, como a primeira maneira de entrar e se apropriar do sítio paisagístico.

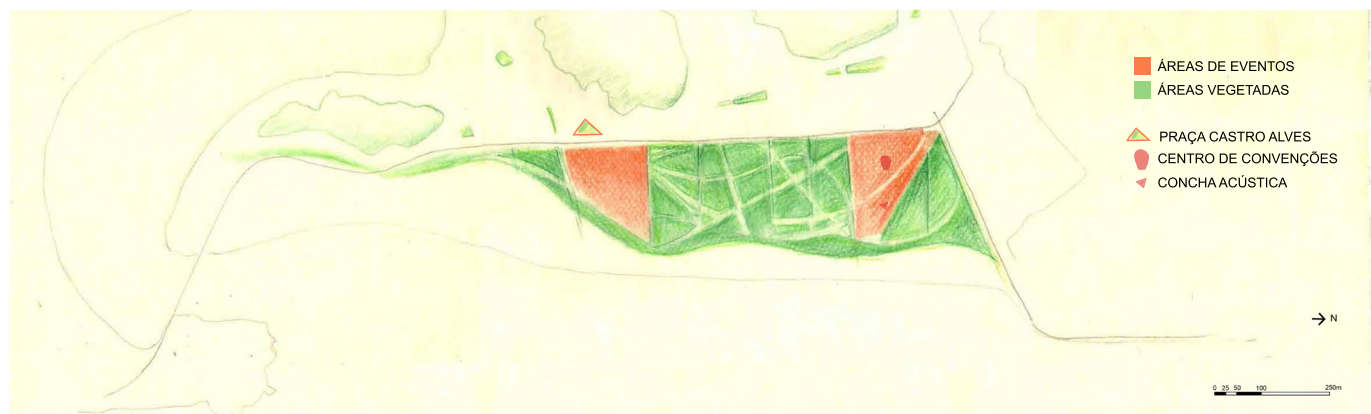
2° fase: Vegetação, manutenção e ampliação da vegetação remanescente do projeto Burle Marx, valorização de espécies nativas e de restinga, estabelecimento das linhas verdes a partir da estrutura arbórea.

3° fase: Plataformas de arte, como nova estratégia, estimulando futuras leituras e apropriações.

4° fase: Infraestrutura necessária para possibilitar novos usos no presente e futuros, além de fortalecer atividades já existentes.

5° fase: Equipamentos esportivos, áreas de lazer, parques infantis e a nova concha acústica.

Em suma, a proposta define apenas as áreas para eventos e deixa toda a área central do parque livre para interpretações e apropriações. Toda a paisagem do parque é trabalhada portanto como uma provocação à ação — seja dos artistas ou da população usuária. Estas diferentes fases de implantação permitiriam tam-



[Imagem 11] Superfícies

bém o exercício do projeto colaborativo, onde as ações sobre a paisagem vão reinterpretando e reconstruindo o projeto paisagístico ao longo do tempo.

Considerações finais

Este trabalho buscou uma reflexão sobre a reconstituição de paisagens públicas a partir da proposta de um ensaio paisagístico. Procurou demonstrar a importância das conexões entre parque público e arte como uma das estratégias de revitalização de paisagens degradadas. Estas conexões trazem uma abertura para que estas novas linguagens e relações possam ser valorizadas e exploradas nos espaços públicos das cidades.

Arquitetura paisagística é um processo, uma ação propositiva sobre a paisagem. Na base deste processo, está o entendimento de que a experiência da paisagem é parte integrante do projeto e da implantação da proposta. Ao considerar a experiência da paisagem na formulação deste ensaio projetual foram reconhecidos os remanescentes do projeto de Roberto Burle Marx para a área assoreada, os poucos usos e apropriações atuais e as expectativas da população, as

visões de artistas e curadores de arte sobre as relações entre arte e parques públicos, entre outros aspectos. A experiência pessoal em uma vasta área plana à beira mar, paisagem gerada a partir de um lento assoreamento ao longo dos anos, também foi de fundamental importância para a proposição deste ensaio.

A proposta reconhece que o espaço da arte relaciona o objeto artístico ao lugar, trazendo implicações sociais e políticas decorrentes desse fato. A introdução das “superfícies ativas” no projeto para Ilhéus, no sentido dado por Wall (1999) permite flexibilidade para abrigar um “futuro indeterminado” e transformar uma paisagem residual em paisagem ativa. [Imagens 12, 13 e 14]

Agradecimentos

Os autores agradecem o apoio do CNPq para a realização deste trabalho, assim como os comentários construtivos de Maria Cristina Nascentes Cabral e dos pareceristas Ad-hoc.



Fonte: 2016

[Imagem 12] Projeto sobre Google Maps

Fonte: NUNES, 2016



[Imagem 13] Vista da praia, franja coqueiral

Fonte: NUNES, 2016



[Imagem 14] Imagem do Parque, alameda sombreada

Referências Bibliográficas

MMA/MPOG/PMI. *Projeto Orla*: Plano de Gestão Integrada Ilhéus/Bahia. 2007. Local: http://seplandes.ilheus.ba.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Projeto_Orla_?cdLocal=2&arquivo=%7BA0B78D2E-ADAB-DDD1-78E-E-E1CEADBEB50E%7D.pdf. Acessado em: outubro 2016.

NUNES, Israel. *Paisagem, suporte na arte*. Ensaio paisagístico para a orla de Ilhéus, Bahia. Dissertação de Mestrado. Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística, PROURB-FAU/UFRJ, 2017.

COSTA, Lucia M.S.A. *Parques públicos contemporâneos no Rio de Janeiro: a contribuição de Fernando Chacel*. Schicci, Maria C.; Benfatti, Denio; Pinheiro Machado, Denise B. (orgs) *Urbanismo Dossiê São Paulo – Rio de Janeiro*. Campinas: Oculum Ensaio Edição Especial, 2003, p.275-285.

CORNER, James. *Recovering landscape as a cultural practice*. In Corner, J. (ed) *Recovering landscape: essays in contemporary landscape architecture*. Princeton: Architectural Press, 1999, pp.1-26.

CORNER, James. *Preface. The Landscape Imagination*. 2014. New York: Princeton Architectural Press, p.7-11.

FOSTER, Hal. *O artista como etnógrafo*. In Foster, H. *O retorno do real*. São Paulo: Cosac Naif, 2014, p.158-186.

POLLAK, Linda. *Matrix landscape: construction of identity in the larger park*. In Czerniak, Julia and Hargreaves, George (eds) *Large Parks*. New York: Princeton Architectural Press, 2007, pp.87-119.

SWAFFIELD, S. (ed). *Theory in Landscape Architecture*. Philadelphia: UPP, 2002.

WALL, Alex. *Programming the urban surface*. In Corner, J. (ed) *Recovering landscape: essays in contemporary landscape architecture*. Princeton: Architectural Press, 1999, pp.233-249. *sente: ação, técnica e espaço*. Rio de Janeiro: Anpur-Letra Capital, 2012.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SASSEN, Saskia. *Critique de l'État. Territoire, autorité et droits de l'époque medieval à nos jours*. Paris: Le Monde Diplomatique-Demópolis, 2009.

SOJA, Edward. *Geografia pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.